

Aula 6

A ANÁLISE TEXTUAL E A CRÍTICA ESTRUTURALISTA

META

Utilizar os pressupostos da crítica estruturalista na análise textual.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
reavaliar os fundamentos da crítica estruturalista;
melhorar seu desempenho crítico mediante o uso da crítica estruturalista.

PRÉ-REQUISITOS

Releitura dos conceitos-chave da crítica estruturalista vistos na disciplina Crítica Literária

Jeová Silva Santana

INTRODUÇÃO

Tal como a crítica fenomenológica, a estruturalista também nasce sob o impacto de uma crise: a do tecnicismo, cientificismo e empresarial vigente na sociedade norte-americana dos anos 1950. Ela também é uma resposta à Nova Crítica que cumpria seu papel, porém não tinha requisitos suficientes para se tornar uma “disciplina acadêmica rígida”. Além disso, a atenção voltada exclusivamente para o texto literário, “tendia a deixar de lado os aspectos mais amplos, mais estruturais, da literatura” (EAGLETON, 2001, p. 125). Fazia-se necessário manter a perspectiva da Nova Crítica quanto ao fato de a literatura ser um fenômeno estético e não um resultante de práticas sociais, utilizando-se, para isso, de um “método mais sistemático e ‘científico’” (EAGLETON, 2001, p. 125).

É para preencher essa lacuna que surge, em 1957, o trabalho de Northrop Frye em cujo livro, *Anatomia da crítica*, apresenta uma “totalização” dos gêneros literários. Deixando para trás um tipo de crítica baseada na subjetividade, ele apresenta um sistema mais objetivo que tem por mote a própria literatura. Esta, em sua organicidade, apresenta certos elementos que confluem para uma presença que não se limita ao exercício individual dos autores, mas estariam presentes, de forma reiterada, nas práticas literárias independente do tempo e do espaço onde foram gerados:

(...) a literatura não era apenas uma coletânea de escritos escolhidos e espalhados pela história: se a examinássemos bem, veríamos que ela funcionava de acordo com certas leis objetivas sendo que a própria crítica poderia tornar-se sistemática, se as formulasse. Estas leis eram os vários modos, arquétipos, mitos e gêneros a partir dos quais todas as obras literárias se estruturavam (Eagleton, 2001, p. 126).

Trocando em miúdos: tem-se a obra literária como objeto mas, como vocês viram na unidade sobre crítica literária, o estruturalismo permite alguma forma de abertura, já que não é um método exclusivo para ser aplicado à literatura. Não se trata de uma “escola” de autores, embora se tenha o trabalho do lingüista **Ferdinand de Saussure** como um ponto de partida. O estruturalismo deve ser visto como uma abordagem geral que implica em muitas variações. Ele busca explorar as inter-relações (as “estruturas”) mediante os significados produzidos na cultura.

No caso da narrativa, também existem unidades estruturais que se repetem de modo universal. Para Vladimir Propp, que estudou o conto maravilhoso russo as constantes e variantes resultam em 150 elementos para a composição do conto e 31 funções cuja sucessão é sempre idêntica. Em “O chapeuzinho vermelho”, por exemplo, tem-se a função da ausência de um dos integrantes da família (o Chapeuzinho); uma ordem que é emitida (pela mãe); o engano da vítima (pelo lobo que vai devorá-la); a salvação

Ver glossário no final da Aula

do herói (o caçador); a punição do antagonista (morte do lobo). Além das 31 funções, o crítico também enumera sete personagens: o antagonista ou agressor, o doador, o auxiliar, a princesa e seu pai, o mandatário, o herói e o falso herói.

Os estudos de Vladimir Propp em torno das ações constantes e das sete personagens despertariam interesses em outras áreas do conhecimento: lingüística, antropologia, etnografia, folclore e semiótica. O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss desenvolveu um estudo da estrutura do pensamento mítico tendo como suporte as variantes do mito de **Édipo**, as quais resultam na “superação de oposições profundas ou conflitos que seriam de outra forma irreconciliáveis” (GOTLIB, 1985, p. 27).

Ver glossário no final da Aula

Vejam agora um exemplo de aplicação da crítica estruturalista:

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, freqüentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

*

Outra educação pela pedra: no Sertão
de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma (NETO, 1995, p. 338).

De saída, deve-se atentar para a materialidade do poema: linguagem seca, precisa, concisa, desprezo pelo sentimentalismo. A arte não é intuitiva – é calculada, nua e crua. O poema é composto por duas estrofes. A primeira apresenta dez versos com rimas irregulares ou rimas brancas. A segunda é uma sextilha (seis versos) também com rimas brancas. Para enfatizar o ritmo tem-se a aliteração (repetição do mesmo som ou sílaba em duas ou mais palavras, dentro do mesmo verso ou estrofe) calcada no fonema /p/, acentuada nos versos 1 e 2 da primeira e da segunda estrofe: (1) “pela pedra: por”; “para aprender da pedra”; (2) “pela pedra”, “para fora, e pré-didática”. Esta repetição visa aproximar o leitor do som de algum instrumento cortante tal como o cinzel utilizado para esculpir ma-

teriais duros. Ou seja, o texto exigiria o mesmo empenho com que se faz a lapidação de certos objetos.

Assim, a reflexão sobre o homem que habita o sertão tem como mote a imagem concreta da pedra. Para esse fim, também merece destaque a seleção vocabular mediante palavras como “inenfática” (neologismo criado pelo poeta, significa sem ênfase, inexpressiva, frouxa; “maleada” (moldada, suavizada) e “carnadura (constituição física, aspecto externo do corpo).

Ainda sobre a materialidade destacam-se as oposições entre pedra X lição e pedra X sertão presentes nos primeiros versos de cada estrofe, as quais indicam diferentes modos de se observar a pedra. A forma, portanto, recebe a mesma atenção dada ao objeto destacado no poema. Sua concisão afina-se com a secura da geografia sertaneja, marcada pela seca e pela lentidão no desenvolvimento econômico, fatores que limitam a possibilidade de ascensão social: “(...) lá a pedra/uma pedra de nascença, entranha a alma”.

Ao contrário da pedra apresentada na primeira estrofe, a pedra do sertão é incapaz de ensinar. A pedra de nascença é apenas objeto material, impede outros entendimentos e reflete a vida dura do homem sertanejo desde a infância, o que termina por moldar sua alma. “A educação pela pedra” permite amplas leituras. A que se fez aqui deixa entrever, de modo passageiro, a possibilidade de juntar instrumentos estruturalistas e sociológicos da crítica literária.

Observe agora como se aplicaria o método estruturalista em uma obra narrativa. É claro que a própria linguagem a ser usada não deixa de provocar algum estranhamento para quem pretende sair da “cômoda” posição de leitor e adentrar na “floresta de símbolos” da linguagem. Eis como Sant’anna (1976,p, 161) apresenta uma proposta de leitura do romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos:

Começemos pelo nível dos personagens onde procuraremos desentranhar um modelo binário e um modelo permutacional no relacionamento dos elementos da obra. Isto posto, consideremos que *Vidas secas* se compõe de dois conjuntos onde se agrupam seus personagens, aqui muita vez designados como elementos. O conjunto 1 englobaria a família de Fabiano e o conjunto 2 seria composto pela sociedade e/ou mundo hostil ao vaqueiro e seus acompanhantes. O conjunto 1 (família de Fabiano) compreende “seis viventes contando papagaio” como se indica no primeiro capítulo. Aí estão Fabiano (o pai), Vitória (a mãe), o menino mais velho e o menino mais novo (que aqui simbolizaremos por MMV e MMN), além da cachorra baleia e o papagaio.

Genericamente definido como o grande mundo que se opõe a Fabiano e sua família, o conjunto 2 funciona como um organismo fechado que

repele qualquer comércio com os elementos de conjunto 1. São conjuntos disjuntos. Entre esse dois grupos não há um sistema de trocas, senão um mecanismo de opressão e bloqueio. É a partir dessa oposição básica, enfatizada redundantemente dentro da obra, e a análise interna dos elementos do primeiro grupo, que tentaremos fixar os modelos básicos que nos podem levar à estrutura da obra.

Vejamos, primeiramente, o conjunto 1 para, através da análise de seus elementos, irmos não só conhecendo sua constituição, mas o modo como ele se põe ao outro conjunto. Ao primeiro contato, esse conjunto se mostra desdobrável em dois subconjuntos, assim compreendidos:

Subconjunto dos elementos humanos: Fabiano, Vitória, MMV. MMN.

Subconjunto dos elementos infra-humanos: a cachorra Baleia, o papagaio.

Para uma leitura dessa obra com a utilização do método estruturalista de um modo mais “suave”, recomendamos a leitura do ensaio “Intermitências da Esperança em Vidas secas”, de Júlio César Abreu Ruas

CONCLUSÃO

Vimos que o estruturalismo é mais uma corrente crítica que, lastreada no texto, visa explorar as diversas nuances que o compõem. Para isso, exige-se que quaisquer manifestações de ordem externas não sejam usadas como instrumentos auxiliares. É na forma e na disposição das palavras que se deve buscar as explicações necessárias para se entender a mensagem textual.

No caso da linguagem poética, deve-se priorizar a presença de instrumentos fônicos, recursos imagéticos, o texto como próprio referente. Em relação à prosa, deve-se ter em vista os estudos que demonstram a existência de certo caráter universal em textos que têm a narração, os personagens e a língua, na qual estão inseridos, como elementos fundamentais.



RESUMO

A aplicação da crítica estruturalista pode resultar em uma prática efetiva de análise textual, desde que isso não seja feito de modo radical, sem a atenção necessária em relação aos avanços da crítica que tem a criatividade como uma de suas metas. Assim, é importante a análise textual visando destrinchar os mecanismos de sua composição. No entanto, a relação com o social deve permear essa predisposição tal como se observou na breve análise do poema de João Cabral de Melo Neto.



Leia o poema abaixo, também de João Cabral de Melo Neto (2002, p. 116), jamais incluído em livro seu, e tente fazer uma análise que tenha a crítica estrutural como modelo, atendo-se para os aspectos da linguagem e da estrutura.

O papel em branco

Esta folha branca
Me prescreve o sonho;
Me incita ao verso
Nítido e preciso.
(...)
Essa folha branca
É também paisagem
De que sei traçar
Toda a geografia.

Tudo aí existe
Possível e futuro:
Acidentes de terreno
De trânsito e amor.

Nessa folha branca
Um menino um dia
Descobriu-se livre
De tudo inventar.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

No texto observam-se a precisão, a concisão, a objetividade, marcas na poética deste autor. O trabalho com a linguagem também se nota na economia dos versos, na escolha rítmica (versos de cinco sílabas), na rima toante. Mais uma vez, a poesia é o próprio objeto de reflexão. Atente-se para o jogo entre passado e presente movido pela oposição entre “esta” e “essa”. Mas, o texto não se esgota em si. Na folha em branco também se apresentam elementos externos na referência às experiências do poeta.



PRÓXIMA AULA

Trataremos da relação entre o texto e a Nova Crítica Angloamericana

REFERÊNCIAS

- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2004.
- GOTLIB, Nádya Batella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1985.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SANT'ANNA, Affonso Romano. **Análise estrutural de romances brasileiros**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- NETO, João Cabral de Melo. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995
- _____. **Novas seletas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

GLÓSSARIO

Ferdinand de Saussure: Linguísta suíço (26/11/1857-22/2/1913). Antecipa os princípios da ciência lingüística do século XX com sua análise sobre a estrutura da linguagem. Nasceu em Genebra, em uma família de intelectuais e cientistas, e estuda lingüística em Leipzig e Berlim, na Alemanha. Enquanto se especializa no grupo lingüístico indo-europeu, publica ainda estudante, em 1879, o único livro que escreve de próprio punho: *Memória sobre o Sistema das Vogais nas Línguas Indo-Européias*. A obra precoce revoluciona o entendimento da estrutura vocal do indo-europeu e o faz conhecido e admirado pelos especialistas.

Édipo: Valeria a pena uma breve pesquisa sobre esse tema: da sua presença na dramaturgia grega à apropriação como objeto referente na psicanálise mediante os estudos de Sigmund Freud.